

“Sua vida amorosa foi diagramada”: bafão nos quadrinhos e cartas de bichas desaforadas

*Steferson Zanoni Roseiro*¹
*Nahun Thiagor Lippaus Pires Gonçalves*²
*Lyvia Fialho Soares de Moraes*³
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Esse ensaio objetiva gongar com as imagens do corpo em suas relações com a heteronorma. Para tanto, fabula cartas de corpos em desalinho com as sexualidades heterocentradas. Em cada carta, há um diálogo entre uma obra literária do gênero quadrinhos e provocações sobre os possíveis modos de existência de um corpo. Quais, afinal, são os limites dos corpos? Como viver um corpo em suas possibilidades? O descomeço da razão aponta, por fim, na potência nietzscheana de afirmação da vida provocando rupturas nas molduras das imagens.

Palavras-chave: corpo; quadrinhos; imagem; sexualidade; norma.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo e professor da Educação Básica na Prefeitura Municipal de Cariacica. Membro do Grupo de Estudos “Com-Versações com a filosofia da diferença em currículos e formação de professores”.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo e professor da licenciatura em pedagogia do Instituto Federal do Espírito Santo, campus Itapina. Coordenador do Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas.

³ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisadora bolsista vinculada ao Núcleo de Estudos de Arquitetura e Urbanismo (NAUFES).

“Your love life has been diagramed”: goss in the comics and letters from angry bichas

Abstract: This essay aims to shade the images of the body in its relation with the heteronorm. Therefore, it fables letters about bodies disheveled with the heterocentrized sexualities. In each letter, there are dialogues between a comic book literary work and a provocation about possible ways of a body's existence. Which are, nonetheless, the limits of the bodies? How to live a body in its full possibility? The unbeginning of the reason points, in the end, to the nietzschean power of the affirmation of life provoking ruptures on the frame of the image.

Keywords: body; comics; image; sexuality; norm.

“Tu vida amorosa ha sido diagramada”: chisme en los cómics y cartas de bichas desafortadas

Resumen: Este ensayo pretende matizar las imágenes del cuerpo en su relación con la heteronorma. Por lo tanto, fabula cartas sobre cuerpos desorden con las sexualidades heterocentralizadas. En cada carta hay diálogos entre una obra literaria del género cómic y provocaciones sobre los posibles modos de existencia de un cuerpo. ¿Cuáles son, sin embargo, los límites de los cuerpos? ¿Cómo vivir un cuerpo en su posibilidad? El comienzo de la razón apunta, finalmente, al poder nietzscheano de afirmación de la vida provocando rupturas en los encuadres de las imágenes.

Palabras clave: cuerpo; comic; imagen; sexualidad; norma.

No princípio era a imagem... ou seria a imagem um descomeço?

No princípio era a imagem. Ou, pudera, era necessário rasgar a imagem. Porque a imagem era o descomeço de tudo. E os descomeços marcam, simplesmente, pontos de ruptura.

Por isso, é preciso enquadrar toda e qualquer imagem para que suas narrativas contêm o que convém a todo o princípio (BUTLER, 2015). Rogar pelo princípio é a lógica do governo, da busca pelo eterno destino (DELEUZE e GUATTARI, 2011). Emoldura-se para que os inícios e os fins sejam delineados e que nada se passe entre. É preciso forçar toda imagem para dentro de limites bem delineados para que nada aconteça, para que nenhuma linha de fuga se desdobre com o fora da imagem.

Não ao acaso, basta que uma imagem lance uma sombra nos limites bem delineados do bom corpo para que algo pipoque e também os governos saibam dizer não. É curioso como bastou uma imagem para que o governo de um país decretasse o fim de uma plataforma digital de circulação de histórias. Bastou que um personagem em uma *fanfic* fosse feminilizado e que imagens da feminilização de um corpo circulassem pela rede para que o governo chinês decretasse o banimento de uma das maiores plataformas de *fanfic* atuais (VOX, 2020; FANLORE, 2022).

Basta que as imagens da masculinidade sejam rasgadas em outros corpos para que a imagem desponte em seu potencial destruidor das práticas de governo.

O descomeço é a imagem, dizemos, e, nem por isso, acreditamos que qualquer imagem possa fazer ruir toda a segmentaridade da vida. Há algo de ensurdecido em todos os movimentos de produção de corpos. Como dizia Lazzarato (2014), o corpo não é produzido apenas individualmente. Os corpos se compõem numa relação com uma megamáquina que agencia grupos inteiros. Há um conjunto de imagens não-verbais que se espalham por todas as relações que estabelecemos. São imagens-números, imagens-emoções, imagens-acontecimento que não podem ser traduzidas em formas verbais de expressão e que, todavia, incidem diretamente sobre nossos corpos.

Os códigos não agem primeiro através da linguagem verbal e de suas funções de representação, denotação e significação. A cultura neocapitalista coloca em circulação modelos de desejo e impõe modelos de sujeição (modelos de infância, de pai, de mãe etc.). (LAZZARATO, 2014: 113)

Não ao acaso, Lazzarato (2014: 101) destaca que os modos de governo direcionados por empresas, pelo cinema, pela literatura e outros meios de comunicação desencadeiam “procedimentos de endereçamento e de resposta pré-fabricados”.

Como prática de regulação e de limitação das imagens, restariam então aos governos a ação de proibir? E, diante das ações quase desesperadas dessas práticas de poder, o que nos resta? Quais as implicações quando algo é proibido?

Se pensarmos nas proibições de acesso a milhares de livros promulgadas por diferentes instituições e modos de poder ao longo da história, observaremos o desejo e o corpo sob os holofotes, mesmo quando dotados da normalização estética. A censura se presta a tornar moralizante qualquer tentativa de desvio à regra.

Quebrar a regra é fácil: basta o corpo não ser só corpo. Basta o corpo não ser apenas mais um corpo que alimenta intenções e desejos, um corpo que saia das páginas com traços sensuais para assumir as telas do cinema e roubar os corações das bichas recalçadas. Às vezes, a imagem padrão ocidental (homem alto, atlético, viril, de traços europeus, caucasianos etc.) provocam as respostas pré-fabricadas em relação à produção de desejo, pois há um histórico de imagens que cultivamos em nossa mente sobre tais corpos, os corpos traçados para saciar. Uma cultura que apela para imagens repletas de meticulosidades simbólicas para agradar e nutrir a ideia de perfeição implantada nos corpos e ser consumida pela denegação dos desejos.

Nossa proposta aqui não é outra senão gongar com as imagens dos corpos. Fabulamos, logo, gongamos.

Para tanto, escolhemos trabalhar com histórias em quadrinho, ora questionando as estéticas e os enredos de algumas histórias, ora apontando para as potências dos corpos que borram as relações e imagens heteronormativas. Metodologicamente falando, fizemos pequenas fabulações (ROSEIRO, 2019) a partir das leituras das histórias em quadrinho, mas, ao invés de falarmos *sobre* os quadrinhos, criamos personagens que passaram a experimentar os quadrinhos nos próprios corpos.

Por que dá fabulação?

Temos apostado na fabulação como um método de borrar os limites entre o real e as potências que atravessam esse plano. Conforme propunha Deleuze (2018), a fabulação é o que desponta uma existência em afirmação. Quando a vida está presa às lógicas do real imediato, isto é, presas aos limites do conhecimento que conseguimos nominar em nosso tempo, a vida acaba se tornando refém. Por isso, corroborando com a filosofia nietzscheana, Deleuze diz que fabular implica em ampliar as noções de mundo justamente por conjugar a invenção e a realidade em um tempo único.

Por que os quadrinhos?

Apostamos, como dizíamos antes, que a imagem pode ser o descomeço, ainda que, em muitos casos, ela seja o princípio.

A pergunta retorna: por que quadrinhos?

Poderíamos inventar um monte de desculpas: quadrinhos são acessíveis, influenciam uma boa parcela da população jovem, são um jeito leve de abordar temas complexos e outras tantas baboseiras. Poderíamos dar justificativas plausíveis e não o faremos. A bem da verdade? Interessam-nos por serem gostosos, por nos darem imagens daquilo que lemos. Imagens de corpos, de relações e do espaço onde a vida acontece.

Todavia, precisamos nos atentar também para os jogos de enquadramento ocorrido nos quadrinhos. Há um apelo descritivo com a composição imagética de capas, personagens-chave e painéis que contribuem para conseguir a atenção ou a falta desta para o que pode ser popular.

As marcas de expressão nas personagens normalmente indicam seus sentimentos de felicidade, tristeza, abandono, insatisfação ou deleite. Mesmo sem os diálogos, os perfis dos personagens precisam ser atrativos. É preciso nutrir afetos por suas expressões e corpos. O maxilar reto dá a sensação de confiança e mascu-

linidade; se uma personagem tende a ser amável, ela provavelmente será desenhada com um rosto em formato de coração; em ambos, as sobrancelhas feitas não podem ter nenhum pelo fora do lugar. Os pontos de fuga⁴ brincam com o visual do que marca profundidade, o sombreado, a maquiagem, a estatura, as relações de proporções de peso e medidas. Para assegurar essa relação afeto para com esses personagens, é criada uma estratégia para inserir outros elementos. O que é selecionado e que poderia aderir ao que é considerado adequado, ideal, desejável pode ter ou não elementos considerados ousados, com uma grande justificativa.

Quando existe o ousado, todavia, também é dentro de caixas específicas e pincéis selecionados.

A relação entre o autor e o público é tecida de forma íntima. A anatomia dos corpos apresentados está diretamente relacionada à técnica escolhida na ilustração para imprimir a realização dos desejos.

Cremos, equivocadamente, que as obras se lançam sobre uma tela em branco. Mana, realiza! O babado é que a bicha deleuziana desaqueceu toda tela em branco! “É um erro acreditar que o pintor esteja diante de uma superfície em branco” (DELEUZE, 2007: 91). Querida, nada de fazer a Kátia sonsa! A tela em branco está cheia de clichês. A questão é, então, como entrarmos nos clichês como que comendo-os por dentro.

Propomos, então, fabular cartas de uma bicha irritada com o universo dos quadrinhos.

Diante de tanta normalização dos corpos e dos afetos, a bicha não pode fazer outra coisa senão vociferar contra as taciturnas historietas tão clichês que insistem em contar para nós viadas.

Preparem-se, pois a bicha já chegou para escandalizar!

Carta primeira: o amor clichê está no ar

Cinemão, xx/xx/2022

Querida xxxxxxxxx,

Já fazem alguns anos que nos encontramos naquele provador da loja de departamento, né? Como a senhora tem passado?

Sei que a senhora aposentou o colã uns tempos atrás... e apesar da cafonice, eu tenho vestido ele. Mais ou menos. Prefiro mil vezes roupa nenhuma. Mas já fui até parada por isso, acredita? Quase que eu parei quem me parou, mas isso não vem ao caso agora.

O que interessa é: agora que a senhora está aposentada, que tal começar a ler algumas coisas bichérrimas e lindas e fofas?

Esses dias, vi sair uma notícia de que um dos meus quadrinhos favoritos vai ganhar uma série! Fiquei embasbacada! Já estou espalhando para todos os meus colegas! Você já ouviu falar em Heartstopper? Duvido, para ser honesta. A senhora é velha e cafona que só. Aposto que o último BL famoso que você viu foi O segredo de Brokeback Mountain. Pensando bem, eu duvido que sequer SAIBA o que é um BL...

Só para você saber, BL é o que as mais velhas já chamaram de yaoi, de LGBT+... é uma história gay, tá? Boys love.

De todo modo, vamos falar sobre o que interessa.

Aposto que você conhece ou já conheceu muitos quadrinhos. Realiza, mona... óbvio que você adora quadrinhos. Seu trabalho era um quadrinho em vida real! Podemos, porém, deixar os quadrinhos de heróis e heroínas de fora? A onda agora são os quadrinhos do dia a dia, slice of life. Você precisa conhecer!

⁴ Os pontos de fuga no desenho são os referenciais que ficam na linha do horizonte e constroem uma perspectiva tridimensional de planos sobrepostos.

E aí a gente volta para meu favorito... Sério, aquela autora é maravilhosa. Alice Oseman deveria ser idolatrada. Ela criou tudo! Tem personagens carismáticos, tem dramas psicológicos, tem problemas de saúde, tem amizades verdadeiras, tem traições... Eu começo a ler as obras da Alice e sei que vou me encontrar ali. Fico maravilhada! E tudo isso aparece com força em Heartstopper.

Que, para complementar tudo, tem o casal gay mais lindo do mundo! Estava lendo a história e reparei uma coisa: o armário não é mais um armário! Esquece essa ideia de uma Nárnia escondida, onde as pessoas precisam de escândalos para sair... Ou que, depois que saem, só podem ser excluídas. O Charlie é suuuuuuper popular! Ele é o primeiro gay público da escola e as pessoas adoram ele, sabe? Ele é um gay de sucesso, querida! Realiza!

Na história, não é o gay que se esconde, mas o heterozinho! Estamos falando de diversidade na escola, de inclusão. E tem todos os modos de contato possíveis dentro da escola. O menino lá, o Nick, é o astro do esporte, mas é apaixonado, fofo e romântico. Eles não vivem um romance ogro, nada disso! E se você acha que o Charlie apenas vive às sombras dele, está muito enganado. Até mesmo o Charlie se torna estrela esportiva. Ou quase isso.

E os amigos também são tudo de bom, apesar dos draminhas cafonas que eles passam. Tem hora que tenho vontade de bater em alguns deles... nada novo sob o céu. Enfim! Prometo que não vou fazer spoiler, pode deixar!

*É uma história para encantar cinderelas!
Como sou boazinha, segue também uma cópia dos livros. Não há de quê, de nada.*

Com a força dos unicórnios,

Bichinha.

Carta segunda: desaforos da bicha

Barraca de Orgânicos, xx/xx/2022

Cara Bichinha,

Adorei a fanfic. Nota três.

Anos de quadrinhos na minha vida e você me inventa de dizer que isso é revolucionário? Certo. Trocai-vos as fraldas e depois a gente volta a conversar, pode ser?

Você falou que não queria falar de quadrinhos de superheróis. Estou de acordo. Não vou mencionar deles. Mas saiba você que existem quadrinhos da década de 1970 que eram bem mais interessantes do que isso. E estou falando de quadrinhos gays, tá, querida?

Confesso que li Heartstopper em questão de minutos. É realmente empolgante. A gente lê sem nem se dar conta que está virando as páginas. É uma leitura leve. É fofo. É uma gracinha. Parece até estar ouvindo uma bela e simplória canção pop, tipo a Taylor Swift da vida. Fofissimo e nada inovador.

Começemos pelos protagonistas.

O maravilhoso mundo de paixonites do Charlie é bem complexo, né? Basta ter cabelo loiro e ser ligeiramente mais alto que ele. Inclusive, se você colocar o arrombado do Ben e o perfeito Sr. Nick lado a lado, você sequer sabe quem é quem. Um poderia muito bem ser o outro com um penteado diferente. Até pensei que seria um caso entre irmãos gêmeos e criei expectativas. Fiquei decepcionada.

Você fez questão de falar o quanto o Charlie é tão maravilhoso que até virou estrela do esporte. Querida, presta atenção. Ele só foi para o time para correr atrás do boy. Ai, que novidade! Viado correndo atrás de boyzinho. Nossa! Vai sair na capa da revista TiTiTi, né? Caso você não saiba, isso é uma referência idosa para as novinhas. Dá um Google.

Concordo que as amigas do Charlie são babadeiras. Até os amigos do Nick. Na verdade, os amigos do Nick são mais sensatos do que os amigos do Charlie. Gente, em que mundo um menino pretensamente hetero fica se agarrando com o menino para lá e para cá? O problema não era a tal amizade ou algo do tipo, mas eu me sentia vendo um filme de princesa da Disney. E não era o romance inicial não. Era já aquele romance pós-casório, com o príncipe levando a princesa pelos braços para cima e para baixo, dando altas risadinhas... Sério, quanta cafonice.

As amigas do Charlie eu gostei porque pelo menos eram sensatas. Tem a bicha barraqueira, tem a lésbica conselheira, tem um romance trans, tem um personagem que é uma incógnita. Ah! E tem a irmã sensata do Charlie. Não nego, gostei de todos eles em particular. Gostei até mais do que os dois protagonistas bobões. Mero detalhe.

Aí você tem cara de pau de me dizer que o tal gênero slice of life é a novidade da vez.

Então fui dar uma olhada. Realmente, o gênero anda pipocando! Até achei interessante. Esse negócio de fazer a gente se sentir próximo dos personagens tem lá sua força política, não nego. Mas cadê as viadas manejando katanas, roubando bancos com outras 11 travestis, liderando uma gangue, atacando políticos corruptos ou pelo menos empinando motos na esquina? De verdade, quero é as bichas atrevidas.

Já chega de achar que beijo gay é o que há. Ninguém aguenta mais ver gay sofrendo. A gente não quer ver redenção e nem acolhimento.

Não é questão de fazer o heterozinho precisar sair do armário, mona. Que se explodam os armários! Os escândalos já estão espalhados para todos os lados. Sabe essa conversinha de sair do armário? Queria ter pena.

Parece que a cada página, eu rasgava um versículo de Butler e desaprendia seus mandamentos em prol do romance heteronormativo que finge ser enviadecido. Viada! Eu só imaginava você lendo depois de fazer a chuca, doida para fazer o primeiro boy que entrasse no provador. De forma conveniente se fingindo de sonsa e observando por entre as divisórias, sedenta, mas santa.

A fórmula do sucesso desse romance é clássica: pegou uma historinha romântica padrãozinha qualquer e trocou o gênero de um dos personagens. Nem se deram ao trabalho de pelo menos brincar com as normas de gênero e romper com o sistema.

Um belo romance universal. É isso e nada mais.

Encanta por trazer à tona a vontade de ser amado de forma única, algo bem similar à monogamia normativa, não acha? A relação perfeita escancara as portas em cada página e te convence de que o amor ideal é uma posse.

Porque no fim, é isso que eu senti, sabe? Love conquers all. O amor conquista tudo. Basta você ter um bom macho ao seu lado, que tudo está resolvido. Inclusive, desordens psico-afetivas. Basta um bom homi que o mundo está aos seus pés.

Bicha! A senhorita sempre foi mais que isso! A senhorita já teria passado a limpa naquela escola inteira do Heartstopper. De quebra, nem professor ficaria de fora que eu sei. E suas histórias dariam quadrinhos bem mais revolucionários, algo que nem O terceiro travesseiro poderia superar.

E nem precisaríamos de tantos machos na vida para sermos felizes... bom, talvez não a senhora, eu preciso. Charlie e Nick poderiam mesmo ser o casal perfeito, mas em outros contextos, com outras tramas. É uma história reta e cheia de clichês. Acredito piamente que a senhora consegue me recomendar coisas melhores.

Slice of life... Fico me perguntando por que esse gênero passou a fazer tanto sentido, sabe, querida? Sei que meu tom estava bem ácido até aqui, mas não consigo me segurar. Por que nós só podemos querer bons relacionamentos? Será que ainda precisamos tanto dizer que somos iguais a todos os outros? Mesmo quando todos os outros se esforçam tão avidamente para se mostrarem diferentes? Por que nós precisamos nos igualar?

Comecei a ler outros quadrinhos porque sou dessas psicopatas, você me conhece. Descobri que quadrinhos orientais têm nomes diferentes que os daqui do ocidente, querida! Viu, não sou tão burra! Adorei algumas histórias chinesas, coreanas, japonesas... estou embasbacada com as obras de um grupo feminino de quadrinhos japoneses! Inerível como toda história delas tem pelo menos um casal gay lindo e maravilhoso. Sempre dá vontade de pegar e cuidar! Adorei também as histórias de adolescentes que se multiplicam aos montes! Uma amiga até me apresentou dois sites que as pessoas hospedam quadrinhos loucamente. Amei de paixão! Engoli Valentine, where's my BL story, My weird roommate, R.U. Screwed, Pirouette into my heart, Green & Gold, On and Off, Hyperventilation, Força, Nakamura! e outras tantas histórias que são realmente fofas.

Heartstopper não é o problema. É mesmo de parar o coração em fofuras!

Meu problema é: será que essa fofura toda nos permite ir além da estagnação?

Acho que você e eu sabemos bem, amiga, que não podemos nos resignar. Tenho medo que tanta fofura apenas nos coloque em posição de complacência.

Sua vida amorosa foi diagramada. Saia dessa e me indique coisas afrontosas.

Preciso ser elogiada,

xxxxxxxxxx.

P.S.: E para dizer que a bicha velha aqui não indicou nada, segue o meu exemplar do Pele de homem. Dá uma lida, querida... estou até agora sem saber nem que corpo é esse da história.

Dizíamos inicialmente que gongariamos com as imagens do corpo nas histórias em quadrinhos. Mas, afinal, de quais corpos estamos falando? Quando anunciamos logo de cara que iremos gongar, deixamos claro a zombaria por trás de uma pretensa imagem única do corpo. Mas qual corpo merece ser gongado? É o corpo da gay, aos modos da discussão proposta por Zamboni (2016), isto é, o corpo homonormativo que nada mais faz do que trocar o gênero dos casais heterocentrados por um gênero igual ao seu próprio? Apenas da gay se ri por almejar a mesmidade?

Gongou? Não? Que pena. Não nos interessa dar nenhuma resposta aqui.

Será que conseguimos lhe provocar? Será que, quando você pegar um quadrinho logo após ler esse texto, você lançará sobre ele outros olhares? Será que ainda vai procurar os casais fofos?

Afinal, qual quadrinho lhe apetece o olhar? O que lhe faz escolher a história?

Por que começamos a escolher já pela capa? O que procuramos quando nos deparamos com uma capa maravilhosa, cheia de traços provocativos? Quais corpos nos provocam essa sede de leitura? Quando lemos um quadrinho, é o corpo de quem que nos interessa? E como esse corpo é marcado na história? Quais relações atravessam esse corpo? Qual a projeção de expectativas sobre esses corpos? Queremos finais felizes? Finais dramáticos? Tristes? Masoquistas? Revolucionários?

Revolucionários... mas como? Quais corpos ampliam nossas noções de revolução? Seria questão, então, de indagar por quais corpos nos normatizam? O que lhe estabiliza em uma posição apática para com a vida? A norma lhe provoca inércia? A rotina lhe basta?

Em contrapartida, o que lhe faz agir?

Basta a cena de dois belos rapazes se beijando para que você se sinta provocado? De qual provocação, entretanto, estamos falando aqui? É aquele tipo de provocação que lhe faz ir às ruas? Que lhe faz não aceitar mais os gritos e os silêncios comprometedores? Quando vemos dois corpos se beijando num relacionamento, em quais lutas nos colocamos? Colocamo-nos em alguma?

Quais tipos de rupturas das imagens os corpos potencializam?

Vemos um casal fofo e o que fazemos? Partimos em defesa deles? O quão fofo um corpo precisa ser para ser defendido? Um fofo obeso ou um fofo meigo? Um fofo esculpido ou um fofo patético? Um fofo sério ou um fofo afeminado?

A ideia é partirmos em defesa dos corpos ou afirmá-los em potências infinitas?

Partimos em defesa do quê? Do que nos falta ou do que não consegue se afirmar sozinho? Defendemos aquilo que nos afeta? Ou, antes, defendemos aquilo que pensamos não ter forças o suficiente para existir (NIETZSCHE, 2017)? Não seria a defesa já e sempre uma destruição ou descrença das potências da vida? Pode a vida existir sem forças suficientes em si mesma?

Afirmar a vida é possível?

O que se faz com uma afirmação da vida? Alcança-se algo quando a vida é, enfim, afirmada? Ou afirma-se apenas em uma relação de aumento das potências do agir? O que nos faz ir além das nossas capacidades? O que nos coloca em busca de mais forças para nós mesmos? Sorrisos? Amores? Amizades? Caridade? Reconhecimento? Ostentação?

A vida afirmada é centrada como a verdade absoluta para os corpos? Ao afirmarmos a vida, nosso objetivo seria normalizá-la? Ou estaria ela, nesse momento, perdendo sua potência? Bastaria rejeitar toda a forma de defesa que, de súbito, estaríamos afirmando a vida? É uma questão de simplesmente dizer que tudo está vivo em igual força?

Um corpo atlético heterocentrado goza das mesmas forças que o corpo de uma prostituta travesti socialmente? A bicha afeminada goza de tamanha força quanto a Barbie que realiza cada cirurgia estética possível? O gay certinho que almeja a estabilidade civil ou o casal bissexual que experimenta relacionamentos abertos em intensidades corpóreas não previstas? Quem goza de mais força? É uma questão de quantidade ou de potência de vida? É uma questão de reconhecimento ou de experimentação dos limites do real?

E nos quadrinhos, esse jogo de forças se difere?

Se a gente pensar nessas forças enquanto possibilidade de transformação da vida, quais corpos gozam, aí, de mais força? Quais lhe chocam? Quais lhe fazem pensar em outros mundos por vir? Seria os corpos do heterocentrado, da Barbie e do bom casal gay? Seriam os corpos normalizados? Ou a força vitalícia verte dos corpos que trazem para si os limites do infinito como abertura de mundo?

Em que as imagens dos casais perfeitos como Nick e Charlie, Max e Alex, Punk e Nerd, Nakamura e Hirose, Howie e Sooch, Kwon e Jinyi e tantos outros, se diferem das imagens de casais fofos e principescos consumidos em larga escala? Esses corpos rompem com a imagem de que todo o relacionamento só pode existir entre duas pessoas que se amam perdidamente? Eles ressignificam nossas concepções de relacionamento?

E quando falamos de corpos, eles dão conta de gongar com a perversidade dos corpos perfeitamente esculpidos na história da beleza (SANT'ANNA, 2014)? Dão conta de rir das lógicas e das regras estéticas da beleza? São corpos que conseguem desestruturar nossa imagem de corpo?

Quais estéticas de corpo são evocadas com esses personagens?

Recomeçando: é concebível afirmar a vida para ampliar os possíveis traçados a partir das nossas existências?

Carta terceira: correio extraviado, parte 1

Academia Straight to the Top, 21/01/2022

Mano, sua carta foi extraviada.

Carai, sem nem o que dizer aqui. Cê tá ligado que eu li a carta, óbvio. Foi mal mesmo, mano. Minha mina e eu temos um gato... o Créu. A gente não deu atenção a ele esses dias e ele faz umas paradas aí quando tá irritado. Aí já viu, né? Ignoramos ele e Créu na sua carta.

Foi mal, irmão.

Mas, pô! Pqp, sei nem o que dizer.

Tipo, o cara que te mandou a carta mandou um livro junto, né? O livro foi meio arranhado, então tive que comprar outro para lhe devolver. A carta tava inteirinha. Aquela peste de gato conseguiu estragar só o livro, pelo menos.

Nem te conheço, mas tu tinha que ver a cara do vendedor quando pedi esse livro. Tava eu e minha mina na livraria... daí fomos lá, super de boa, perguntamos se tinha... e o cara ficou encarando. Só pensei: “que porra é essa?”.

Ja fazer nada disso. Não ia ler sua correspondência, não ia ler o livro.

Mano... a gente leu.

Na boa, que porra é aquele livro? KKKKKK

Eu li primeiro porque não tirava a cara de paspalho do atendente da cabeça. Sabia que ali tinha coisa, saca? Não imaginava que era isso. Cês são demais, mano! Mó zoado o livro!

Daí, tipo, minha mina já ficou tipo: “Que isso?”. Eu lendo. Gosto de quadrinhos também, mas geralmente leio outras paradas. Ela catou da minha mão e leu. Agora ela tá cheia de ideias, te falar...

Tá ligado quando a mina da história troca de posição com o fresco lá? Sei que a mina lá tá fantasiada de homem e tal, mas minha mina aqui curtiu. Não a fantasia, ainda bem. Até perguntei a ela quando vi que ela tinha curtido mesmo, saca? Ela disse que curte o que tem entre as pernas... e eu também, hehehehe. Mas ela agora tá cheia de ideias e não tenho como dizer não assim, saca? Tipo, não que eu seja do tipo fechadão escroto. O cara tem que agradecer a mina se quer dar certo, né?

Putá merda, mano... não sei se um dia te procuro para dar uma porrada ou um abraço. Na boa. KKKKKKK. Ah! E foi mal se falei muita merda, tranquilo? Minha mina deu mó esporrão em mim quando leu e disse uma caralhada de coisa. Falou que a mina da história não veste fantasia, que o marido dela não é fresco... Falou um monte. Mas se eu for escrever de novo, vai rolar não. Então fica assim mesmo KKK-KKK.

Espero que dessa vez a carta chegue a você.

Suave,

“Tomaso”.

Carta quarta: correio extraviado, parte 2

Sexshop, 24/01/2022

Querido,

Não vou me demorar muito. Imagino que sua quota de aceitar intromissões da vida dos outros já deve ter extrapolado há muito tempo. Sinto muito por eu e o “Tomaso” termos entrado na sua vida de modo tão abrupto... mas eu preciso falar uma coisa com você: obrigada. Obrigada de verdade. Não tenho coragem de mandar uma carta para seu amigo que lhe enviou o livro, acho, na verdade, que a obra do acaso está com você. Foi você, querido, que acabou nos permitindo ir além. Sendo bem franca,

tinha vezes que eu já me perguntava onde ia dar meu relacionamento com o “Tomaso”, sabe? Quando li o livro que chegou em nossas mãos, eu pensei qual seria nosso rumo. Pensei: “É agora”. Eu precisava me decidir. Já tinha um tempo que eu vinha pensando nisso... para ser honesta, eu sempre soube que esse lance de sexo missionário, essa relação tão direta homem-penetra-mulher não era para mim. Não nasci ontem, né? Já tive outros namorados... e talvez uma ou duas namoradas. Quem liga? Sei o que gosto e sei o que eu não tenho com o “Tomaso”. Ou achava que nunca teria. Vi ele lendo o livro. Li o livro. Só lembro de ter falado algo como: “Ei, amor... isso daqui a gente nunca fez...”. A Bianca na pele de homem por trás do marido dela e, depois, a Bianca como mulher mesmo, mas também atrás do marido dela. Sabe o que mais me chocou? Ele não berrou. Ele não se irritou. Ele só parou o que estava fazendo. “A gente... nunca fez”. Eu já estava preparada para a fúria, para o desprezo ou pelo menos para o sarcasmo. Ao contrário, ele passou dois dias escrevendo algo escondido. Sabe o que era? A carta que ele lhe enviou. No fim, ele me mostrou. Pode ser bobeira da minha parte, mas na hora que eu vi ele assinar como “Tomaso”, eu chorei. Não vou fazer spoiler da história porque você ainda não leu, mas tenho certeza que você vai entender. Você vai saber o que eu soube naquele momento. A melhor parte é: sabe o que rolou? Um delicioso beijo grego naquela noite mesma. Hoje estou aqui, num sexshop, procurando nossos primeiros brinquedinhos e rascunhando uma carta escondida para dizer que, onde quer que você esteja, você ganhou uma amiga.

*Com carinho,
“Bianca”.*

PS: Procurei um monte de quadrinhos até encontrar um que eu me sentiria bem em dizer que lhe é um bom presente. Então espero que goste da história de O príncipe e a costureira.

Os descomeços da norma

A imagem era o descomeço, assim dizíamos.

E, junto ao descomeço, tantas outras coisas vão sempre e já pela metade. Porque os começos reais andam sempre se atropelando. Essa é a lógica da multiplicidade, dos inícios infinitos que acontecem sempre pelos meios (DELEUZE e GUATTARI, 2011). Lógica rizomática da vida.

Eis, simplesmente, o motivo de optarmos por trabalhar com as cartas sem que elas jamais voltem para onde vieram. Cada carta segue como uma provocação em direção ao infinito. Se queremos que as imagens sejam descomeços e que rompam com os enquadramentos que limitam os corpos e as vidas, tanto melhores serão nossas percepções desses limites, quanto mais conseguirmos nos afetar com as existências.

A proposição nietzscheana é a de que toda existência afirma sua potência angariando para si forças que façam-na expandir em direção ao imprevisto. O mundo da verdade - um dos maiores perigos da filosofia de Nietzsche (2017) - é aquele que estabelece uma relação de previsibilidade. A vida é sempre mais potente quanto mais imprevisível ela for.

Daí, justamente, as lutas contra os clichês.

Quando propomos gongar com imagens dos corpos, não temos a intenção apenas de reafirmar a velha crítica que cabe ao corpo padrão eurocentrado. Não basta criticar o homem hetero branco, a mulher hetero submissa e outras tantas situações que compreendemos como “normalizadas” sob a ótica societal. Gongar com o corpo implica também em rir de seus modos de existência, de relação com a vida.

Por isso, ainda que gostemos de tantas histórias fofas que nos fazem soltar suspiros, precisamos expandir nossos núcleos de princesas da Disney e zombar dessa imagem que fazemos do mundo ideal.

O mundo ideal é justamente o mundo da verdade, o mundo inalcançável e, ao mesmo tempo, eternamente cobiçado.

Quais armas dispomos, então, para enfrentar esse posicionamento?

Somos bichas, lésbicas, travestis, homens e mulheres trans, aces, intersex e outros tantos corpos que não cabem em lógicas heterocentradas. Somos corpos que vivem modos de existência por vezes questionáveis. Somos corpos que procuramos ora um conforto, ora um descomeço radical. E isso é uma luta.

Em um texto curioso sobre a produção de imagens de sexualidade não-hetero, Roseiro, Gonçalves e Rodrigues (2020) convocam uma personagem específica para sacudir como o corpo não-heterocentrado está sempre em embates contra as normas. Ali, vemos que a norma não é uma questão unicamente de ser aceito, mas é principalmente, uma questão de estabilidade. Há uma força que tende à inércia da vida, que tenta capturar a vida e limitar todos os seus movimentos. A personagem daquele texto, a *Superbicha*, é então criada como um elemento de combate à estabilidade. E o mais curioso é que, ao fim, damos-nos conta que sua identidade não é secreta. Ao contrário, ela é infinita.

Nossa proposta foi, então, a de multiplicar as vozes e as imagens a partir dos quadrinhos, mas não tomando eles como objetivos. Os quadrinhos são apenas o fio condutor das conversas que aqui se estabeleceram. Criamos tantas personagens quanto foram possíveis para que nenhuma história ganhasse um tom único. Como multiplicar as imagens dos corpos? Como tentar afirmar a vida enquanto os corpos se metamorfoseiam? Como colocar um corpo em transformação para permitir nele outras sensações, outras aproximações com a vida?

Aos modos do convite para se sentar na beira do fogão à lenha (RODRIGUES e ROSEIRO, 2020), é preciso darmos aos talhos de nossos corpos histórias que roam com imagens das machadadas. Se a heteronorma insiste em esculpir na carne um modo único de viver e se relacionar com os outros, precisamos fazer com que as imagens não-hetero ampliem o dizível em outras direções.

Quando pensamos nas cartas, tantos outros fins seriam possíveis às existências. Poderíamos ter convocado um caldeirão de corpos não-normativos e, todavia, optamos por trazer um heterocentrado ao bojo das cartas desaforadas. Por quê? Por que trazer um corpo hetero? Simples: porque as existências não podem e nem precisam romper as bordas apenas entre nós mesmas. Também os pretensamente normalizados dançam nisso que se chama de heteronorma. O heterotop poderia muito bem ter se gabado de ter feito isso e aquilo para agradar a “mina” dele. No lugar, optou por se abrir à possibilidade sem precisar se exhibir, provar seu ponto. Apenas deu uma reticência como quem não tem mais certeza dos limites de seu corpo e de seu modo de viver as sexualidades. Heterossexualidade ainda assegurada, mas sob outras lógicas?

Sob certa lógica, será que não pode também o corpo heterocentrado se tornar uma bicha? Será que, quando a carta foi extraviada, ele acabou não se tornando um extra-VIADO?

Por isso, inclusive, optamos por apresentar quadrinhos que, de algum modo, ainda mantiveram certa relação com a norma. *Pele de homem* e *O Príncipe e a Costureira* ainda mantêm como protagonistas personagens que vivem relações heterocentradas, isto é, um corpo dito masculino e um corpo dito feminino. E, todavia, tudo se passa entre eles para muito além das relações usuais de moralidade social. Na primeira história, é a mulher que se permite transitar entre gêneros e viver o corpo em outros gozos. Na segunda, o protagonista se permite viver a não-binaridade ainda que isso fragilize sua imagem da realeza.

Quais, afinal, são os limites do corpo? Como viver um corpo em suas possibilidades?

Se você entendeu a ideia das imagens borradas, já sabe: há milhares de respostas a todas essas perguntas. E cada uma evoca uma imagem do corpo.

Carta quinta: p1r@t4r1a é vida

A Pirata @sucumbamaomeupoder

Tem uma praga tentando me convencer a ler A palavra que resta. Alguém se habilita a me convencer a ler com pouquíssimas palavras? Aceito a fanficada em quadrinho, obrigade.

2:42 PM · Mar 1, 2022

mundinho Stenio Gardel @_sendotrouxa

e cadê os artistas para fazer isso acontecer?

2:43 PM · Mar 1, 2022

Central A Palavra que Resta @comesdamiao

impossível alguém ter lido sem chorar! lenda. e eu não vou passar vontade sozinho, ALGUÉM FAZ A-G-O-R-A pois imaginem a cena em que o pai fala que o irmão morreu naquele rio!!

2:44 PM · Mar 1, 2022

troll sou eu @trollsoueu

olha, nem se deem ao trabalho! a história é boa, mas sem CHANCE de alguém fazer dar certo um quadrinho com o elemento textual que o Stenio fez. eu me senti um anal-fabeto lendo. e se o quadrinho não fizer isso, nem quero!

2:46 PM · Mar 1, 2022

Recebido em 1 de março de 2022.

Aprovado em 16 de junho de 2022.

Referências

- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* vol. 1. Tradução: Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- FANLORE. *Blocking of AO3 in China*. Disponível em https://fanlore.org/wiki/Blocking_of_AO3_in_China
- LAZZARATO, Maurizio. *Signos, máquinas, subjetividades*. Trad. Paulo Domech Onetto. São Paulo: n-1 edição; SESC, 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de potência*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2017.
- RODRIGUES, Alexandro; ROSEIRO, Steferson Zanoni. Eu e a senhora sabemos o que é viver na roça, né, viado? Fogão a lenha, mach(ad)os e crianças. *Debates Insubmissos (Caruaru)*, 3 (9): 79-95, 2020.
- ROSEIRO, Steferson Zanoni. *Feiuras: insurreições do corpo na escola*. Dissertação de Mestrado, Educação, UFES, 2019.
- ROSEIRO, Steferson Zanoni; GONÇALVES, Nahun Thiaghor Lippaus Pires; RODRIGUES, Alexandro. Superbicha em - aventuras de uma viada em um colã. *Revista Digital do LAV (Santa Maria)*, 13 (2): 34-49, 2020.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.
- VOX. *China has censored the Archive of Our Own, one of the internet's largest fanfiction websites*. Publicado por Aja Romano em 01 mar. 2020.
- ZAMBONI, Jésio. *Educação bicha: uma a(na)rqueologia da diversidade sexual*. Tese de doutorado, Educação, UFES, 2016.

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

A Aceno recebe em
FLUXO CONTÍNUO,
*artigos livres,
resenhas,
ensaios fotográficos,
dossiês (propostas).*
*Interessados em atuar como
pareceristas
podem realizar seus cadastros no site*